

JOSÉ CARDOSO PIRES: RELATO EM PÚBLICO

QUINTA-FEIRA à tarde

N.º 525

NO NOSSO PRIMEIRO DIÁRIO

UM GUERRILHEIRO PORTUGUÊS contra os invasores franceses

A folheia a publicação do Diário Lisbonense de 1812, deparou-se-me, por acaso, no n.º 272, de quinta-feira, 3 de Dezembro, uma notícia bastante curiosa, se lermos em con-

à sua custa armou e municiou uma guerrilha que por terras de S. Pedro do Sul parece que deu que fazer aos invasores franceses. Este jornal era bastante parco em notícias e avisos na-

ro Subagão de Vasconcelos, que depois da invasão do inimigo nunca se poupou a despesas para obter notícias do estado de melhor segurança e bem da Pátria; sabendo da grande vitória de 22 de Julho alcançada pelos Exércitos Aliados nas margens do Tormes, fez com que os moradores da Villa de Reriz, da Comarca de Viseu, aonde se achava no seu Morgado, puzessem luminárias oito noites, havendo, na última dellas hum

jo, com a representação de huma Comedia, na noite desse dia, a Virtude Triunfante, que foi executada por diversos Academicos da Universidade, e outros habeis curiosos. Em todo o desempenho desta publica Acção de Graças foi coadjuvado pelo grande patriotismo do dito R. Abade, e por aquelles seus companheiros com que o mesmo António Bandeira havia formado huma Guerrilha composta de 30 praças, e que iniciou á sua custa, a qual além de outros serviços, exe-

O TEMPO ACLARA O ESCRITOR

Diz José Cardoso Pires: — Escrevo com dificuldade. Penso muito com o hico do apa-ro (a definição vem de óscar

lores estóico-sentimentais, mito de autoridade, concepção existencial, sei lá mais quê! Nos «happenings» de vanguarda, no

Entrevista de BAPTISTA-BASTOS

Lopes, não de mim próprio). De qualquer maneira, escrevo cada vez com maior dificuldade. E

breviário do homem-muito-actualizado, nos purgatórios intelectuais, a palavra circulou, fixou-se, adqui-

N.º 272.

1812.

1161

DIARIO LISBONENSE.

QUINTA FEIRA, 3 DE DEZEMBRO.

Sahe o Sol ás 7 h. e 13 m. Po-e-se ás 4 h. e 47 m. Preamar ás 3 h. e 42 m. da m. — e ás 3 h. e 18 m. da t. Baixamar ás 9 h. e 54 m. da m. — e ás 9 h. e 30 m. da t. Hoje não ha Despacho. Lua nova ás 11 hor. e 43 min. da tarde.

HESPAÑHA.

Madrid 24 de Novembro.

O Capitão D. Miguel Xavier Calvo, encarregado pelo seu Chefe D. João Palarea de observar os movimentos do inimigo, lhe participa de Arévalo, em data de 16 do corrente, o seguinte:

Hontem á noite entráram 200 inimigos de cavallaria em Medina del Campo, e exigirão 500 cruzados portarem alli morto hum Francéz; voltáram a Tordesilhas, cujo ponto, o de Valdadolid, Toro, a Mata do Marquez, Torrequemada, e Zamora occupava o exercito de Massena.

O do Rei intruso permanece para Salamanca; porém parece que está em movimento.

Em Fuentes de Año, tres legoas daqui, se diz, que os inimigos es-

tão fazendo bolacha para o exercito do dito intruso.

São muitas as partidas que transitão por esta terra, de juramentados, que não dormem em povoação. Hontem vimos alguns, que apenas nos avistáram a meia legoa se retiráram para Tordesilhas.

Hoje de manhã, muito de madrugada entráram fazendo fogo os juramentados: logo fiz aprompar soldados; fui seguindo-os até fóra da povoação de Martin Muñoz, duas legoas daqui, onde depois de varios tiros, ouvindo a trombeta, largáram rédeas aos cavallos, de sorte que não era facil alcançallos. Estes não vem com animo de bater-se, mas sim de causar extorsões, pois apenas se lhes faz frente, logo se reirão, ainda que se jáo muito superiores em número.

João Palarea.

la que o referido periódico quase não publicava notícias que a particulares se referissem. Foi o caso de um patriota de Vila de Reriz, da comarca de Viseu, de nome António Bandeira Monteiro Subagão de Vasconcelos, que

O 25.º ANIVERSÁRIO do Prémio Nadal

O Prémio de Novela «Eugénio Nadal», habitualmente no valor de 200 000 pesetas (96 contos), será, por uma única vez, dotado com um milhão de pesetas (480 contos) para comemorar os seus vinte e cinco anos de existência, o que acontecerá em 1969.

A primeira vez que foi atribuído, em 1943, tinha o valor de 5000 pesetas e foi ganho pela escritora Carmen Laforet pela sua novela «Nada».

cionais e aquela informação de um chefe de guerrilheiros, cujo nome a História não registou, tem o seu tanto de insólito. Deve ter entusiasmado os redactores da circumspecta e incipiente gazeta, o primeiro diário que se fundou no nosso país, em 1800, tendo durado até 1813, em que se antecipou de seis semanas á famosa Gazeta de Lisboa, como diário.

Este Diário Lisbonense foi fundado por Estêvão Brocado, um nome que as nossas enciclopédias não citam, e o seu jornal era o continuador do semanário Observador histórico e político de Lisboa, por sua vez fundado em 1807 e que suspendeu a publicação com a salda para o Brasil da Família Real.

A notícia em questão — sem título, como então era de uso — tem a seguinte redacção:

«António Bandeira Montei-

POR
COSTA JÚNIOR

fogo de artificio á sua custa. No seguinte dia, que era o 2.º de Agosto, fez o mesmo António Bandeira cantar um solemne Te Deum em Acção de Graças, por hum coro de musica vocal e instrumental, celebrando-se Missa Solemne, e Sermão, de que foi orador o R. Pedro Homem Cardoso, Abade da mesma Freguesia. Terminou esse público regozi-

FESTIVAL DE MÚSICA CONTEMPORÂNEA

Realiza-se, de 4 a 12 de Março, em Berlim Oriental, um festival internacional de música contemporânea, com a participação de várias orquestras. Serão interpretadas obras de cerca de cinquenta compositores, entre as quais o «Requiem de Guerra», do inglês Benjamin Britton.

CONCURSO DE CONTOS DO «DIÁRIO POPULAR»

ESTÁ a suscitar extraordinário interesse, entre os nossos leitores, o concurso de contos, iniciativa já tradicional do «Diário Popular», este ano valorizado por maior número de prémios — e prémios mais valiosos.

Como temos referido, as produções qualificadas com prémios ou menções honrosas, bem como quaisquer outras julgadas dignas de divulgação,



«O tipo de escritor que mais admiro é precisamente aquele que se não deslumbra com os artificios de si mesmo»

não vejo que isto seja saudável, nem condição para se escrever bem.

Dedos mordidos pela nicotina de cigarros ininterruptos; um olhar quase imóvel numa cara de pau; barba cheia de brancas a contornar-lhe o beijo descaído; perfil de urubu da noite e uma fronte onde se adivinham cilícios da regra de não ter regra, que é a aventura de escrever sem se sair da vida. Com José Cardoso Pires, os nossos dicionários de uso corrente adoptaram um curioso vocábulo: marialva. Os dilectos da sociologia do espirito apressaram-se a conferir-lhe definições: retrato de uma mentalidade, escala de va-

riu direitos de cidadania inesperada. E a verdade é que, na obra mais significativa deste alquimista da escrita, os marialvas

(Continua na 12.ª pág.)

CANDIDATOS ARGENTINOS ao Prémio Nobel

A Associação de Escritores Argentinos propôs á Academia sueca os seus candidatos ao Prémio Nobel de Literatura de 1967.

Até agora, só um escritor latino-americano — Gabriela Mistral (Chile, 1945) — recebeu o Prémio Nobel.

Os escritores propostos para o prémio são: Jorge Luis Borges (Argentina), Miguel Angel Asturias (Guatemala), Alberto Hidalgo (Peru) e Pablo Neruda (Chile).

JOSÉ CARDOSO PIRES: relato em público

(Continuação da 1.ª pág.)

figuram como demónios de eleição.

Princípio de marialva

— Touros e marialvismo são uma associação frequente. Que pensa disto?

— Penso que uma coisa é a tourada (à portuguesa), outra a corrida (à espanhola). A primeira chama-se «arte de Marialva» — e muitíssimo bem...

— ...o que não invalida a ideia comum de que em ambas, se faça uma exibição de «machismo» — para usar a terminologia da «Cartilha».

— Em ambas? — Em ambas! A corrida de morte vale como demonstração pública de como superar o medo. Como controlá-lo com sobriedade, eficácia e em planos correspondentes de liberdade. Numa palavra, o que ali se exige é a superioridade da inteligência sobre o instinto, como disse Lorca. Pelo contrário, na nossa lide a cavalo a liberdade e a autoridade do adversário são, de antemão, diminuídas. É o princípio das desigualdades que está na base dos seus exibicionismos.

— Na base do seu «machismo», portanto?

— Sim, do seu «machismo», que é um exibicionismo de virilidades imposto sobre a coacção de liberdade do adversário. Além disso, o inevitável saudosismo, tão querido à mentalidade marialva, e que pretende, aqui, reviver os grandes venhures, que se fazem espectáculo do alto dos seus cavalos. Pelo contrário, a dinastia dos Costillares, dos Belmontes e dos Caminos nasceu dos servos desses fidalgos. Eram eles que, a pé firme, encaminhavam o touro ao castigo do cavaleiro. Hoje são eles que consentem o cavaleiro na festa

Valores medievais

— Além de uma outra edição de «Jogos de Azar», a Ulisseia anunciou, para breve, a publicação de um novo romance seu. Foca nele alguma situação típica de marialvismo?

— É, no fundo, o cadastro dos mitos de que se alimenta um tipo de indivíduo destruído de autoridade real. A obsessão do privilégio, o complexo viril, a entronização da morte, etc., eis os pontos de

força — alguns pontos de força — que sobressaem do levantamento das curiosidades contemporâneas em que assenta o herói. E são, também, valores medievais que circulam sob metamorfoses actualizadas.

Período de vida intensa

— «O Corvo Branco», «O Delfim», «Viagem às Repúblicas do Sono» — eis alguns títulos de livros que terá escrito e não publicado. Porquê?

— Porque, depois de uma primeira versão e, às vezes, da segunda, preciso de um certo distanciamento para retomar o manuscrito. O tempo aclara o escritor. Recria, põe a descoberto as facilidades...

— A distância que se para a publicação de cada livro não se deve, portanto, a intermitências de trabalho?

— Um pouco, certamente. Mas necessito de longos períodos de vida intensa para poder produzir alguma coisa. Só depois consigo trabalhar e, quando o faço faço-o em semanas ininterruptas. Quase sempre com oito horas, e às vezes mais, de trabalho diário.

— Qual o título do romance anunciado?

— Precisamente um dos que acabou de citar: «O Delfim».

Provincianismo

cultural

— Pessoalmente, qual o tipo de escritor que menos admira?

— O que é beneficiário de um provincianismo cultural. Aquele que exhibe uma complexidade de superfície e uma erudição aparente.

— E o que mais admira?

— Precisamente aquele que não se deslumbra com os artificios de si mesmo.

Jornalismo:

a espontaneidade

invejável

— Inveja, nesses bons casos, essa espontaneidade?

— Se invejo! Não há nada mais detestável do que a prosa em elzevir ou o aparato fabricado. Um escritor, a certa

altura da vida, pensa muito em termos literários. Essa é uma das suas maturações. A capacidade de síntese ideal é aquela que se exprime com a precisão de «um bom gume» — e não aquela que, à custa de muito «descascar», acaba numa lâmina sem corte. Tudo depende do aço.

Desajustamento entre sociedade e cultura

— Diz-se que sofre, frequentemente, de grandes depressões. Atribui isso a quê?

— Vivo em Portugal, tenho 40 anos e sou escritor.

— Cultiva um determinado público?

— É natural que sim. É fatal que sim. O escritor que corre para o público tem, pelo menos, falta de coragem e, ao cabo e ao resto, trai o leitor porque pretende paralisá-lo. Economicamente, é um coolie literário assoldado pelo editor. Também não acredito naqueles que escrevem «para si próprios», numa espécie de entrega pessoal em acto público. Essa aristocracia soa a lata dourada e o público tem mais que fazer do que se preocupar com o «eu» de qualquer pessoa que disponha de caneta e editor. Então? Então o que se passa é que cada romancista, cada poeta, pressupõe um leitor ideal, ou um pólo de leitores mais ou menos diferenciados, com o qual a sua obra dialoga e se completa. Onde está esse leitor ideal? Um pouco por todos nós, repartido por núcleos dificilmente identificáveis com precisão, para lá de certas correspondências de gosto e de cultura.

— Mas isso levanta a velha questão dos «escritores para escritores».

— No fundo, levanta sempre a mesma questão de desajustamento em termos de sociedade-cultura. Os «escritores para escritores» são uma expressão absoluta desse desajustamento. Com o tempo, acabam por ser escritores de grande público, como aconteceu com Joyce ou com Kafka.

Valores e símbolos cinema e literatura

— O cinema moderno influi na sua maneira de escrever?

— Na minha e na de outros ficcionistas portugueses, creio. O grande público tem, hoje, um ritmo de compreensão (de leitura, se quiser) ex-

traordinariamente desenvolvido pela montagem cinematográfica. A sequência indutiva do «omnisciente convencional pressupõe — ingenuamente... — um equilíbrio de duas forças em jogo: autor e leitor. Não tem em conta que toda a comunicação provoca uma recriação, um diálogo, chamemos-lhe assim. Pois bem, a velocidade de relacionar valores, símbolos e imagens-síntese, essa, deve-se não só ao alargamento dos meios de informação mas, principalmente, ao cinema. E os esquemas tradicionais da novela e do romance não podem satisfazer, por muito tempo, as exigências de um leitor que encontra em Antonioni, em Resnais, em Godard, ou no Fellini de «8 1/2», nesses, sim, os verdadeiros narradores de uma realidade fragmentada em espaço e tempo.

— Que filmes, vistos recentemente, considera com maiores possibilidades no progresso da narrativa literária?

— «8 1/2», «Marienbad», «Eva», de Losey, «Viridiana», de Buñuel

— E dos autores que reñha lido ultimamente?

— Malcolm Lowry, Nabokov, Jorge Luís Borges, Le Clézio... não. Le Clézio nada adianta e o Pierre Klossowski ainda menos... Lowry, sim. Há nele uma segurança técnica admirável e uma capacidade de desvendar o irreal da realidade mais objectiva

Progresso

e «pressentimento»

— De um ponto de vista teórico, as formas de arte precedem, em evolução, o progresso social e...

— Sei muito bem aonde você quer chegar. E acrescento à fórmula da sua pergunta que as formas de arte precedem, realmente, em evolução, o progresso social, porque o escritor aspira à perfeição. Ele «pressente», a distância, os indícios das transformações do homem contemporâneo. As singularidades de temperamento e o seu tipo específico de observação permitem-lhe detectar certos ângulos significativos que escaparam à sistematização da política e da tecnocracia. Esse desfasamento, ou melhor, essa exigência em relação às realizações práticas do ambiente constituem uma força aceleradora do progresso. Um activante do exercício cívico e do funcionamento das estruturas de sociedade.